

O corpo em cena: A emergência do sujeito em enunciados tridimensionais

Luana Alvez Luterman*
Agostinho Potenciano de Souza**

RESUMO:

Esta pesquisa analisa, em instalações de arte contemporânea da exposição *Vertigem*, de Osgêneos, e num fragmento do livro pop-up *Alice no país das maravilhas*, a irrupção de enunciados iconográficos. Objetiva-se compreender a transformação dos suportes em mídiuns, assim como perscrutar como ocorre a liquidez da virtualidade X realidade no processo subjetivo de leitura dos enunciados tridimensionais. O aparato teórico-metodológico básico da investigação é a Análise do Discurso de linha francesa.

Palavras-chave: Arte contemporânea. Livro pop-up. Enunciados tridimensionais. Convergência.

Introdução

“Arranca metade do meu corpo, do meu coração, dos meus sonhos. Tira um pedaço de mim, qualquer coisa que me desfaça. Me recria, porque eu não suporto mais pertencer a tudo, mas não caber em lugar algum”.
José Saramago

No século XXI, irrompe uma parafernália de materialidades enunciativas tridimensionais com propósitos tridimensionais. Já está instalada uma cultura iconográfica, que valoriza as imagens, especialmente em condições sócio-históricas clivadas pelas tecnologias digitais. As regularidades enunciativas tridimensionais possibilitam a análise a partir da observação de um regime de práticas discursivas que inflaciona gestos de leitura não apenas do olho, mas do corpo em sua plenitude, que se movimenta pelo protocolo virtual possibilitado tridimensionalmente, o que gera um efeito de realidade bastante verossímil.

Uma evidência do olhar concentra atenções em torno de, por exemplo, instalações, painéis e esculturas de arte contemporânea, livros pop-up, videogames, outdoors tridimensionais ou com características que visam à tridimensionalidade, filmes, shows hologramáticos que sustentam até a presença de um cantor já falecido e pílulas emagrecedoras, cartões (correspondência pessoal) e ímãs de geladeira com efeito tridimensional.

Este artigo possui como escopo a análise das condições sócio-históricas que formulam uma trama discursiva composta pelo elemento tridimensional, recurso lingüístico que opera efeitos de subjetivação diversos por meio das práticas de leitura contemporâneas, devido à projeção dos corpos na atividade de ativação dos sentidos em materialidades enunciativas transmidiáticas. O corpus de pesquisa é constituído por algumas instalações da arte contemporânea de Osgêneos, especificamente da exposição *Vertigem*; além disso, o livro pop-up *Alice do país das maravilhas* é mobilizado para a verificação representativa do impacto das imagens, particularmente as com efeito tridimensional, que proporcionam o hibridismo no propósito comunicacional: ao mesmo tempo que a arte contemporânea e a literatura são instâncias produtivas pela formação cultural, a popularização dos meios de circulação e o aspecto lúdico são fatores capazes de instigar o interesse de leitura por acumular o entretenimento e a intelectualidade.

Vida hipermoderna: a sociedade contemporânea

Nos anos 1970, uma crise de paradigmas provoca a pluralização cultural. A diversidade de posicionamentos é valorizada; a satisfação em curto prazo e a menor intensidade de preocupação com o futuro são características da sociedade pós-moderna. A ansiedade é gerada pela realização cada vez mais desejada de obtenção de prazeres hoje. A regra é consumir e ser feliz aqui, agora (LIPOVETSKY, 2004).

A globalização cultural promove a aproximação das distâncias, retroalimentada pela sociedade de consumo, gananciosa e sedenta de novidades em breves espaços de tempo. Simulacros virtuais pasteurizam tempo, espaço e realidade. Praticamente tudo se torna possível. Não há um conglomerado de estados-nação, com poderes hierárquicos, subjacentes à hegemonia de uma cultura totalitarista em relação à outra.

Uma “aldeia global”, conforme McLuhan, permeia a relação de importância de todas as culturas, afeiçoadas pelas tecnologias que unem rapidamente, pelas redes virtuais, por meio de um clique. A conexão também leva à homogeneidade, que se interessa por produtos semelhantes, além de ideias e informações, organizadas e harmonicamente efetuadas como fórmulas globais de atualização dos gostos semelhantes. Assim, transformam-se as práticas sociais, que exigem soluções imediatas para necessidades voláteis (IANNI, 2003).

O aparecimento dessa ordem social, pelo augúrio das novas tecnologias, fragmenta, rompe as permanências culturais. Comportamentos são dissonantes e podem ser descartados pelo esgotamento instantâneo, que, em pouco tempo, estipula o anacronismo. Por outro lado, desse modo, para Bauman (1999), uma subordinação de consumo causa uma interdependência insalubre, com dominação de empresas transnacionais que submetem o consumo intenso à satisfação.

Três possíveis consequências das identidades culturais globalizadas são traçadas por Hall (2005, p.69): “As identidades nacionais estão se *desintegrando*, como resultado do crescimento da homogeneização cultural e do ‘pós-moderno’ global; as identidades nacionais estão em declínio, mas *novas* identidades – híbridas – estão tomando seu lugar”. A identidade não é a mesma. O livre mercado, de certa forma democrático, possibilita adesões e resistências, o que reforça as identidades nacional e local. Uma terceira identidade é apresentada com o advento da globalização: um hibridismo cultural que alia tanto as culturas nacional e local quanto a global, o que cria uma harmonia pela soma de elementos muitas vezes divergentes na aparência.

A reciclagem de costumes e comportamentos é parte do imediatismo exigido pela facilidade de acesso e ausência de fronteiras que a globalização proporciona, por meio das novas tecnologias. Nesse sentido, as identidades não são fixas; estão em inexorável modificação, de acordo com as novas necessidades que reciclam, em um curto prazo de tempo, a cultura:

‘Líquido-moderna’ é uma sociedade em que as condições sob as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a sua consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir. A liquidez da vida e da sociedade se alimentam e se revigoram mutuamente. A vida líquida, assim como a sociedade líquido-moderna, não pode manter a forma ou permanecer em seu curso por muito tempo (BAUMAN, 2007, p.7).

Há um princípio básico na vida líquida: a descartabilidade é essencial para que novas identidades sejam assumidas. Não é possível traçar tendências futuras: a inconstância e a incerteza não preveem atitudes, que são, inclusive, contraditórias. Esquecimentos e apagamentos são corriqueiros: nada pode ser isento de se tornar indesejável. O que não se almeja hoje amanhã pode ser objeto de desejo.

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. [...] A identidade torna-se uma celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. [...] Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (HALL, 2005, p.12-13).

A assimilação de uma sociedade que regulariza volumes gigantescos de marcas, produtos e serviços está além do pós-modernismo: os tempos hipermodernos revelam um gosto pelo inchaço, pelas aglomerações, pelas parafernalias em fluxos numericamente infinitos em tempo e espaço praticamente imensuráveis. A transição da pós para a hipermodernidade acontece como quaisquer mudanças atuais, cada vez mais líquidas e inescapáveis, além de rápidas. A dissolução de fronteiras, de burocracias; as privatizações; a acirrada concorrência entre as entidades que exercem importante função no Estado mínimo, neoliberal; o imperativo da mudança; a ansiedade exacerbada (LIPOVETSKY, 2004). A desterritorialização do sujeito torna voláteis suas práticas sociais, sempre moventes e sedentas de transformações para a satisfação hedonista, pelo prazer individual.

Livros pop-up, livros-objeto ou livros-brinquedo

O recurso denominado pop-up, no design de livros, é uma técnica que propicia efeitos de profundidade e de proximidade física, por meio da tridimensionalidade. Um fragmento do livro pop-up *Alice no país das maravilhas*, de Lewis Carroll (2010, história adaptada tridimensionalmente por Robert Sabuda), será investigado.

O pop-up no livro é frágil, pois é feito de dobraduras, uma arquitetura própria para atrair o leitor. Apesar de haver escassa conceituação da obra pop-up, por ser extremamente recente a produção mercadológica do livro com tal formato, um pequeno resumo, publicado pelo *Estadinho* (2010), explica como irrompe o mecanismo dos livros pop-up:

A história do livro pop-up é simples: começou em 1300 com livros feitos para explicar a astronomia, em três dimensões, e só depois de 600 anos é que passou a fazer parte da literatura infantil com um anuário chamado *Daily Express Children's*. Mas até então, as imagens eram chamadas de ilustrações móveis. Só em 1930, com o escritor Harold Lentz, é que o termo pop-up surgiu (ESTADINHO, 2010).

Não é desejo apenas contemporâneo tornar mais próxima da realidade a composição virtual. Porém, apenas no século XX, em 1930, irrompe o termo pop-up. De fato, apenas a produção tecnológica em série e a qualidade gráfica em larga escala possibilitam, hoje, a popularização das materialidades enunciativas com efeito tridimensional, que acumulam estratégias lúdicas, instrucionais e didáticas. Lentz tornou-se notório ao fazer ilustração de *Pinocchio*, em 1932, nesse formato que causa surpresa a quem abre o livro e se depara, de súbito, com o grande nariz do personagem – um brinquedo?

O recurso do alto relevo como técnica para atrair o envolvimento do corpo – além do olhar, o tato, o movimento – reitera a existência de um dispositivo com efeito tridimensional em várias materialidades enunciativas. Os estímulos multissensoriais ocorrem pela inflação do olhar: “A técnica retórica [...] do hiper-realismo é capaz de sensibilizar outros sentidos através da faculdade da visão; as imagens [...] em grande proximidade produzem um efeito tão forte que a impressão visual estimula a sugestão de tatilidade” (GRAU, 2007, p. 312). O alto relevo faz a imagem “saltar aos olhos” por um efeito de convergência entre a virtualidade e a realidade para estimular o consumo. Assim, a sensação de proximidade do

corpo em relação à virtualidade operada pela tridimensionalidade provoca um efeito de realidade atraente ao leitor.

Transmídia: cultura da convergência

Os livros pop-up, ou livros-objeto, assimilam, pela superposição da leitura e do entretenimento, a possibilidade de a criança, público-alvo dos livros-brinquedo, adquirir a formação da leitura pelo procedimento lúdico. Os jogos são utilizados para operar uma leitura descontraída, sem tensão, em nome do prazer e do divertimento. Portanto, o estímulo à leitura ocorre pelo acúmulo, num mesmo objeto, da função de brinquedo e de livro. A estética é valorizada pelo uso de imagens em dimensões maiores que o livro fechado. Quando aberta, a página revela uma bela imagem, que representa iconicamente a sequência narrativa também escrita no livro, como em *Alice no país das maravilhas*.



Figura 1: instante em que Alice cresce, após beber o líquido que estava em cima da mesa, na casa do coelho falante.

Fonte: arquivo pessoal (foto da ilustração do livro *Alice no país das maravilhas*, adaptação de Robert Sabuda, 2010).

Alice chega à casa do Coelho Falante, depois de cair na toca. Encontra um líquido em cima da mesa. Ao tomar, cresce tanto que ultrapassa os limites espaciais da casa. O livro pop-up faz a leitura da leitura de Carroll e, por meio da página tridimensional, traduz Alice superando os limites geográficos da casa.

A imagem que salta da página é mais que um recurso gráfico material, um suporte para a existência do texto. Alice se agiganta, suplanta as bordas bidimensionais (largura e comprimento) e alcança a altura real, procedimento imagético que legitima o crescimento físico da personagem.

Mainueneau (2004, p. 71) denomina o suporte, meio de concretização do texto, como mídiu. Este não é apenas um veículo de emissão dos discursos, porque o mídiu também revela significação e se torna estrutura composicional do texto. A irrupção das novas tecnologias, como a tridimensionalidade regular na materialização enunciativa, também suscita a importância da análise do mídiu nas diferentes concretizações dos gêneros discursivos.

Nos livros pop-up, o mídiu é o pivô da nuance contemplativa estimulada pela leitura de imagens. A concepção de que a leitura poderia ser um processo mecânico, enfadonho, sistemático, com necessária concentração para compreensão do texto, transforma-se em uma atividade tão prazerosa quanto qualquer outro passatempo, brincadeira que pode compor, por exemplo, a sala de aula, lugar em que, tradicionalmente, é autorizado o afastamento lúdico. Jenkins (2009, p.29-30) preconiza as práticas sociais contemporâneas como uma cultura da convergência, que torna fluidas as relações hodiernas:

a convergência representa uma transformação cultural, à medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer novas conexões em meio a conteúdos de mídia dispersos. [...] Cada um de nós constrói a própria mitologia pessoal, a partir de pedaços e fragmentos de informações extraídos do fluxo midiático e transformados em recursos através dos quais compreendemos nossa vida cotidiana.

Estão dispersas as regras de leitura de livros-brinquedo: devido ao mídiu, as crianças, público-alvo dos livros pop-up, percebem como a leitura converge com o entretenimento: o translivro propõe a brincadeira como meio propício à aprendizagem. Brincar, tradicionalmente, opõe-se a trabalhar (BROUGÈRE, 1998), mas a prática discursiva convergente permite, hoje, confluir o que antes era concebido como paradoxal. O cotidiano livresco pode ser um jogo divertido, o fim de uma queixa das crianças e dos jovens contemporâneos que não gostam de ler textos verbais de obras impressas canônicas.

O gozo nos processos de subjetivação metamorfoseantes

A diluição topográfica do livro e da diversão permite a movência identitária do leitor, que pode e deve considerar, simultaneamente, eventos como a leitura e o jogo, comportamentos tradicionalmente excludentes, ou pragmaticamente possíveis em gêneros textuais diferentes. A relação entre o leitor e o livro-brinquedo é tão líquida que pode se adaptar à “necessidade de atividade humana”, por ser o gênero “relativamente estável” (BAKHTIN, 1977). A metamorfose dos enunciados sincréticos ou imagéticos é constitutiva do discurso das rupturas dos processos de subjetivação na contemporaneidade, condição histórica marcada pela instabilidade regrada pela satisfação dos prazeres por meio do consumo incessante de produtos formulados pela bricolagem, que garante trânsito líquido nas práticas sociais e efeito de liberdade para a produção do gozo pela valorização estética.

A apatia do leitor está na recepção hedonista da estética pela estética, ao formatar seu corpo no procedimento regado pelo próprio livro-brinquedo. A disciplinaridade do corpo é ajustada pela anátomo-política, que fabrica gestos pelo adestramento do tato e do olhar. O direcionamento do contato com a obra é historicamente proposto pelas técnicas de governamentalidade (FOUCAULT, 1997) pasteuriza o desejo de manipular livros pop-up e outras materialidades enunciativas com efeitos tridimensionais, que propiciam a impressão de liberdade e de ubiquidade, o livre trânsito espacial e temporal.

O modelo arquitetônico dos livros-objeto é um sistema que submete os corpos ao gosto pelo olhar e pelo estímulo do tato, o que facilita a manutenção de uma sociedade de consumo numa gestão invisível por um poder capilar, microdisseminado em todas as instâncias sociais (FOUCAULT, 2003). Assim, há a garantia de retroalimentação do

capitalismo por um sistema de terceirização dos gostos, atrelada à economia da coerção dos corpos e de seu conforto homogeneizante, pelo gozo ao consumir o prazer estético sugerido pelos livros pop-up. As prestações da vida creditada à inexorável prática do *self* são parceladas sem previsão de fim, em favor de sinestésias multissensoriais do próprio corpo. As mercadorias é que têm data de validade: perdem o sentido no ato de consumo. O que vale é a lei do gozo em tempo presente, sem preocupação com o devir.

Os gêmeos e a arte contemporânea na exposição *Vertigem*

Gustavo e Otávio Pandolfo são irmãos gêmeos conhecidos artisticamente como Os gêmeos. Suas obras são retratadas por meio do grafite, a pintura de rua não caracterizada como vandalismo, e sim como uma galeria de arte a céu aberto (RALSTON, 2011). O grafite já foi considerado penalidade jurídica, contravenção, por depredar obras públicas ilegalmente. Hoje, as artes visuais incluem os grafites como expressões artísticas urbanas, cultura ao ar livre, expressão ao mesmo tempo erudita e popular, que pode ter como mídiun, em forma de caixa retangular, caixas que armazenam fiações de luz e de telefone, assim como lixeiras.

A diferenciação conceitual entre pichação e grafite está na qualidade artística da primeira expressão, não considerada artística, e do valor ético, legal, que legitima como arte o grafite, com presença autorizada em repartições públicas e/ou instituições privadas. O sucesso da obra de Os gêmeos permite a eles exposições em galerias de arte: assim, o grafite se torna arte contemporânea, por meio da produção de instalações que retratam temas de suas mostras. A arte das ruas pode participar, hoje, de um museu, tradicionalmente erudito, específico de uma elite cultural.

Hibridismo e desterritorialização nos enunciados tridimensionais

Conforme De Certeau (1994), a valorização das atividades banais, comuns, anônimas, e dos sujeitos produtores e/ou receptores dos eventos discursivos, faz as práticas consideradas ordinárias, hoje, mais visíveis pela espetacularização. A arte contemporânea, então, torna-se lugar também para participação da pluralidade, da diversidade pela confluência de um discurso democrático. A tridimensionalidade agencia efeitos de verdade concernentes à liberdade, à acessibilidade, à diversidade, à democracia.

A interpelação evidencia o foco no sujeito leitor, disciplinado pelo olhar. Em arte contemporânea, a imagem transforma elementos do cotidiano em materiais enunciativos artísticos: geladeiras, caixas de som e violões são textos. *Vertigem* possui enunciados regulares, fundados também pela prosopopeia como artifício para a atração do visitante.



Figuras 2 e 3: Os gêmeos, exposição *Vertigem*. Respectivamente, geladeira com dispositivos sonoros; caixas de som e guitarras.

Fonte: Disponível em: < <http://www.flickr.com/photos/oavestruz/sets/72157607921553413/>>. Acesso em: 14 fev. 2011.

O recurso da convergência é operado pelo procedimento transmidiático, que acumula na geladeira, nas caixas de som e nas guitarras, objetos comuns, o status de enunciado artístico no gênero exposição de arte contemporânea. A adesão do ambiente doméstico – cotidiano popular – ao museu – considerado erudito, acessível apenas aos sujeitos com cultura técnica e acadêmica – democratiza a arte, ainda que a estética supere a reflexão e a ética na composição cultural. Daí a desterritorialização, que converte o pragmatismo tradicional em múltiplas possibilidades de leitura, inclusive consideradas controversas, tradicionalmente, como é o caso da visita a um museu, configurado, anteriormente, para abarcar apenas uma parcela intelectualizada da população.

O mídiom é mais que um suporte, pela discursividade de sua forma composicional. Elementos do cotidiano podem ser transformados em arte contemporânea. Uma geladeira, assim como caixas de som e guitarras (Figuras 02 e 03, respectivamente) assumem outras

funções, não as triviais. A personificação (ou prosopopeia) nas caixas de som e nas guitarras anima as instalações transmidiáticas, bricolagem nos produtos de consumo que irrompem de uma cultura da convergência, segundo Jenkins (2009), pois a versatilidade doméstica pode ser atrelada ao ambiente erudito de um museu. As caixas de som servem para a propagação acústica e também podem ser objetos de contemplação artística.

As guitarras podem produzir músicas, mas, como as caixas de som, aparecem na arte contemporânea, não num festival de música ou qualquer outro evento ligado à produção musical. A arte é popularizada pelo fenômeno da transformação de objetos acessíveis no dia a dia. A massificação por meio da seleção de um eletrodoméstico, que adquire outro propósito comunicacional, aproxima da arte não apenas uma elite intelectual, mas também a massa. O funcionamento lúdico está na conjunção da prosopopeia em objetos do cotidiano que, por si mesmos, pelas suas constituições empíricas, se revelam artisticamente.

As feições humanas em objetos inanimados convocam uma superposição integrante, indelével, para uma contiguidade constitutiva da prática cotidiana na relação aproximativa com os sujeitos. A interação é avivada, é atraente porque pode ser vivenciada por qualquer leitor do cotidiano.

Ocorre uma humanização dos enunciados tridimensionais, porque são inscritas emoções neles. Os violões também têm rostos: as bocas são as caixas acústicas e o braço do violão parece fazer o papel de grandes línguas. O corpo é integrado ao objeto inanimado, que se torna humanizado. Simultaneamente, o sujeito é coisificado, pois não é convocado à reflexão, apenas à interação com a arte contemporânea. O hibridismo é lúdico, em detrimento do distanciamento físico e da contemplação racional recorrentes na arte tradicional. Há uma superposição entre o mídiu, o suporte que é discursivo, e o corpo. O efeito de ilusão faz parecer real o que não é pelo mecanismo do olhar, ficção que projeta o corpo para vivência real (WEISSBERG, 1993). As artes, se revelam simulacros da experiência humana, são iconograficamente expressas pela personificação das caixas de som e das guitarras.

Prazer instantâneo do corpo-brinquedo: a imersão de si

As grandes dimensões da arte contemporânea e dos livros pop-up impressionam os olhos, propiciam a surpresa no gesto de leitura devido à iconografia com efeito tridimensional. Numa cultura que valoriza a disciplina do olhar, que propõe novos regimes de visibilidades (GREGOLIN, 2010), uma rede enunciativa imagética se instaura, abrindo-se para a multiplicidade. Fragmentos de imagens são acessados e rapidamente descartados para suprir a incessante necessidade de envolver o corpo em atividades sinestésicas diferentes. Sentir o próprio corpo, identificar-se consigo mesmo, é um processo que instaura o fenômeno da autoafirmação.

Para atrair o público-consumidor, é preciso inventar interfaces enunciativas que envolvam o corpo dócil, egocêntrico, na contemporaneidade: “se o consumo tornou-se um lugar onde frequentemente é difícil pensar, é pela liberação do seu cenário ao jogo pretensamente livre, ou seja, feroz, entre as forças do mercado” (CANCLINI, 1999, p.89). O enunciado com efeito tridimensional, como do livro pop-up e da exposição de arte contemporânea, permite aderência do corpo à virtualidade, semelhante à realidade, desejo que suscita a valorização da estética em detrimento da racionalidade e da ética, pois mais importa a inflação da multissensorialidade, o hedonismo do consumidor que experimenta o produto iconográfico.

O mídiu está na composição do gênero quando o tom de Osgêmeos, autores de *Vertigem*, demonstra o recurso de causar, de fato, tontura, vertigem, ao provocar sensação de profundidade e circularidade em suas obras artísticas:



Figura 4: *Vertigem*. painel com cores vibrantes e chamativas; os personagens estão em diversas posições. A disposição visual espiralada produz, pela vertigem, sensação de movimento, de entrada num redemoinho

Fonte: Disponível em: <<http://www.flickr.com/photos/oavestruz/sets/72157607921553413/>>. Acesso em: 14 fev. 2011.

A autoajuda é um discurso contemporâneo perpetrado em livros e pode ser também considerada no auxílio para o contato de si mesmo num universo de descartabilidade, rapidez e instantaneidade contraditoriamente cada vez mais fleumáticas, pela falta de tempo e pelas relações pautadas na urbanidade caracterizada pela frieza decorrente da concorrência acirrada num sistema capitalista, disputa pelo tempo sempre partícipe da economia, interações tão imparciais quanto as trocas comerciais, negociações objetivas. Na arte contemporânea, as composições operam procedimentos de alcance de si pelos estímulos visuais, que reservam tempo para a ética reservada ao diálogo privado, à introspecção.

O esgotamento da fruição estética é mecânico e sistemático, transfere rapidamente, pela ansiedade do prazer diferente, a apreciação de outra obra de arte, ou de outra página de um livro-brinquedo. Os corpos narcísicos são hipnotizados pelos olhos, que adquirem uma docilidade apática ao contemplarem a obra de arte com objetivo basicamente de imersão pela desterritorialização. A estética vale mais que a reflexão. A mercadoria é criada para consumo imediato (LASCH, 1986) e a obra de arte de Osgêmeos também, assim como *Alice no país das maravilhas* em versão pop-up. O desgaste é imediato: muitas vezes, a linguagem verbal do livro pop-up é dispensada devido à valorização do mídiun, do enunciado tridimensional. O mesmo ocorre com as instalações e com os painéis de arte contemporânea, de Osgêmeos: a estesia possui primazia em relação ao conteúdo. Sobressai a estética da forma, e não a reflexão sobre a estética e o conteúdo. Logo, a importância dos enunciados tridimensionais é inflacionada no momento de degustação da obra, imediatamente desprezada após seu uso.

A interação do corpo é atraída pelas imagens, virtualidades, ficções que usufruem de objetos típicos para instaurar um pacto de extensão do rotineiro na arte, que pode ser próxima e acessível não apenas pelo intelecto, mas inclusive pela fruição estética. Este é um mecanismo realizado para simbiose dos seres vivos e dos objetos inanimados na interação com a arte contemporânea, marcado pelo uso de elementos do dia a dia com outras funções, permitidas pela ficção e pela criatividade artística. A aproximação com a arte, proposta da

arte contemporânea, também é verificada pela mobilização regular de elementos do cotidiano, o que corrobora com o estilo da prosopopeia em instalações de Osgêmeos.

Simultaneamente, o olhar deseja o efeito de liberdade para sensações individuais, fisiológicas e psíquicas, fim das limitações impostas pela materialidade para, assim, adquirir o status máximo de aproximação com a obra de arte e com a narrativa do livro pop-up não mais apenas contemplada, e sim, de alguma forma, vivida, com o apoio do efeito projetivo do corpo na obra contemporânea. A materialidade imagética conduz o corpo do sujeito pelo texto experimentado pelos olhos.

O estilo formulado por Osgêmeos para demarcar legitimidade ao gênero artístico visa à disciplina dos corpos por um modelo arquitetônico de pasteurização dos gestos, mas os investimentos anátomo-políticos por técnicas de governamentalidade nem sempre surtem os mesmos efeitos nos sujeitos, o que conduz a práticas de si com efeito de publicidade ou espetacularização das performances singulares aliadas ao aporte psíquico e fisiológico de cada indivíduo.

A escolha da tridimensionalidade como mídiu com função de dispositivo não é aleatória; advém de regras anônimas, históricas, que estabelecem, na contemporaneidade, como um texto pode e deve ser materializado para que seja espetacularizado, possibilidade de recepção de destaque dentre tantos outros enunciados (verbo-)visuais que aparecem na atualidade e que, por receberem um excesso de investimentos visuais, podem, ainda assim, não ser tão atraentes. Numa história de visibilidades, o panóptico não necessariamente funciona: vigiar preferências não garante sucesso num empreendimento porque o mecanismo operacional atraente pode ser descartado sem previsão, em um curto prazo de tempo.

A superdimensão tem a estratégia de propiciar a imersão pela virtualidade com efeitos reais. Há um poder sobre a vida (biopoder) de *Vertigeme* de *Alice no país das maravilhas* (em versão pop-up) quanto ao interlocutor: o foco no sujeito evoca a grandiloquência de si, como se as performances fossem sensações reservadas apenas ao eu. O intimismo é egocêntrico no processo de leitura imersivo, em prol do contato do eu consigo mesmo, autoajuda corporal para o próprio conhecimento.

As maneiras de olhar levam a questões sociais e políticas preponderantes nas sociedades democráticas individualistas: as ligadas aos olhares, a amabilidade, o respeito, a consideração, o reconhecimento e a dignidade. São tantas maneiras de nomear e designar a necessidade de atenção que sente uma pessoa (HAROCHE, 2011, p. 361).

A supervalorização do presente em enunciados cada vez mais móveis empreende um valor narcísico do prazer a qualquer custo. É mais importante a função estética que a intelectual. A normalização do narcisismo exige uma validação perpétua de si por meio do público, que precisa aprovar um ato para que possa ser realmente consistente uma ação. A espetacularização banalizada de cada triunfo individual faz da individualidade algo frutífero a partir da imagem construída pela associação da benevolência externa para a autoaprovação do eu.

Considerações finais

Nesta época em que a história se move em muitas direções, toda conclusão está atravessada pela incerteza.
Canclini

O agenciamento do hibridismo na forma do corpus de pesquisa selecionado demonstra como a contemporaneidade estabelece fronteiras tênues nas relações sociais. A

arte contemporânea de Os gêmeos, na exposição *Vertigem*, acumula o erudito e o popular, por meio da valorização da estética, em detrimento da ética, da reflexão; o livro pop-up *Alice no país das maravilhas* rompe o paradigma de que a concentração é requisito básico para a leitura de uma obra literária: o mídiun revelado pelo enunciado tridimensional alia a responsabilidade da leitura ao entretenimento, ao lazer. As subjetividades, então, tornam-se líquidas, maleáveis, por serem, inclusive, cumulativas, o que, tradicionalmente seria contradição. As relações sociais são voláteis em razão do primado das condições de produção históricas que envolvem a tridimensionalidade por meio de regularidades engendradas. As instabilidades dos efeitos de sentido fazem a história ser movente. É heterogênea a formação identitária.

Em torno do acontecimento da irrupção de enunciados verbo-visuais, o arquivo pode ser recuperado a partir de discursos econômicos (sociedade de consumo plural, acesso facilitado, de certa forma, democrático, aos bens de consumo), tecnológicos (desenvolvimento industrial, produção em massa), políticos (Estado neoliberal, mínimo), que fizeram emergir novas materialidades enunciativas tridimensionais, com efeitos de imagens em movimento. A arte contemporânea converge, pelos enunciados transmidiáticos, a arte tradicional e a massificação do direito à contemplação da arte, não mais restrita apenas a uma parcela de intelectuais; o livro-brinquedo permite o lazer, a brincadeira, e a leitura simultaneamente.

Os painéis e as instalações de arte contemporânea de Os gêmeos, assim como os livros pop-up, suscitam a convergência da virtualidade na realidade e a acumulação funcional de uma obra literária com o entretenimento. O livro se torna brinquedo, atrai o público infantil pelos recursos imagéticos com efeitos tridimensionais. A obra transmidiática solicita a presença do corpo pelo olhar e pelo tato.

A ubiquidade pode ser alcançada pela sensação de transposição da materialidade a partir do efeito das grandes proporções imagéticas, especialmente com o dispositivo tridimensional, que incrementa o movimento imersivo ainda que utópico. A convergência transmidiática acumula em seres inanimados os traços humanos, prosopopeia metonímica na materialidade enunciativa tridimensional do surpreendente efeito de intersecção entre real e virtual, propósito da interação – seja ou não interdito o toque – com instalações, painéis e esculturas do gênero exposição de arte contemporânea, especificamente em *Vertigem*, de Os gêmeos. Pelo olhar, o dispositivo tridimensional funciona pela inflação da impressão imersiva: há uma regra anônima, histórica, que conduz o corpo pelo biopoder, controla seus movimentos por condutas sujeitas à vigilância constante de seus movimentos. Uma sanção normalizadora disciplina o corpo por uma anátomo-política que adentra pela regulamentação sem violência: procedimentos e tecnologias geram coerções ilimitadas para manutenção do consumo constante num sistema capitalista.

O livre mercado supõe uma topografia ilimitada. Os sujeitos podem consumir incessantemente as novidades sempre substituíveis. O desenvolvimento tecnológico fomenta um mercado que produz lixo e estimula a descartabilidade. A fragmentação enfatiza o cotidiano precário, destaca a história do indivíduo em detrimento da história coletiva. A confluência paradoxal do foco no indivíduo, que é clivado por uma trama discursiva com investimentos homogêneos, promove, pela autoajuda, um mercado de consumo em função da fruição estética pela inflação do olhar.

Qualquer alteração identitária pode significar uma mudança plena na constituição subjetiva. Moldar o corpo pode gerar significativas transformações, dificilmente calculadas por uma previsão cujo resultado seja exato. As incertezas imperam e os riscos são gozos que demonstram a valorização egocêntrica do prazer instantâneo. O corpo é o que há de mais íntimo e o efeito de liberdade propiciado pelas intervenções revela performances instauradoras da ausência de limites, uma inscrição histórica nas sociedades de controle

(DELEUZE, 1996). No entanto, apesar do exame histórico, os corpos escapam da regularidade homogeneizante da obediência arquitetônica e irrompem outra economia de ordem individual: a performance é o subterfúgio da história, um meio de escape dos dispositivos anátomo-políticos que perfazem o esquadramento dos comportamentos para normalização e obediência às regras de convivência e ação social. Afinal, apesar de perpassados pela transversalidade dos dispositivos e pela vigilância dos panópticos, os corpos sentem de maneiras diferentes e possuem imagens internas reconhecíveis socialmente, mas individuais na medida em que a experiência de cada corpo é singular e intransferível.

The body on the scene: The emergence of the subject in three-dimensional set

ABSTRACT:

His research analyzes, in contemporary art installations of Vertigem exposure, of Osgêmeos, and a pop-up book Alice in Wonderland fragment, the appearing of iconographic statements. The goal is to understand the transformation of media in mídiuns, as well as peer occurs as the liquidity of virtuality X reality in the subjective process of reading the three-dimensional statements. The basic theoretical and methodological base of research is the Analysis Discourse made by french.

Keywords: Contemporary art. Pop-up book. Three-dimensional statements. Convergence.

Notas Explicativas

*Possui graduação em Letras- Português/ Vernáculos pela UCG-GO (2004). É especialista em Formação de Professores de Língua Portuguesa pela UCG-GO (2005). É mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFG (2009). É doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFG (2014).

**Agostinho Potenciano de Souza possui graduação em Letras Neolatinas pela UCDB (1969), mestrado em Teoria e História Literária pela Unicamp (1983) e doutorado em Estudos Lingüísticos pela UFMG (2002). É coordenador do grupo de estudos *Discurso e Ensino* (DISCENS). É coordenador da pesquisa interinstitucional *Leitura e escrita: urgências de ensino*.

Referências

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. (Trad.) Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1977.
- BAUMAN, Z. *Globalização: as consequências humanas*. (Trad.) Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- _____. *Vida líquida*. (Trad.) Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
- BROUGÈRE, G. A criança e a cultura lúdica. *Rev. Fac. Educ.*, v.24, n.2, São Paulo, July/Dec. 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-25551998000200007>. Acesso em: 14 jan. 2014.
- CANCLINI, N. G. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. (Trad.) Maurício Santana Dias e Javier Rapp. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.
- CARROLL, L. *Alice no país das maravilhas*. (Adapt.) Robert Sabuda. (Trad.) Cynthia Costa. São Paulo: Publifolha, 2010.
- DE CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

ESTADINHO, O. O que é um livro pop-up. 2010. Disponível em:
<<http://blogs.estadao.com.br/estadinho/2010/08/28/o-que-e-um-livro-pop-up/>>.
Acesso em: 14 jan. 2014.

DELEUZE, G. O que é um dispositivo? In: _____. *O mistério de Ariana*. (Trad.) Edmundo Cordeiro. Lisboa, Portugal: Veja, 1996. Disponível em:
<<https://www.yumpu.com/pt/document/view/12586923/o-que-e-um-dispositivo-gilles-deleuze>>. Acesso em: 10 out. 2012.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade: vontade de saber*. v.1. Rio de Janeiro: Graal, 1997.
_____. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. (Trad.) Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

GRAU, O. *Arte virtual: da ilusão à imersão*. (Trad.) Cristina Pescador; Flávia Gisele Saretta; Jussânia Costamilan. São Paulo: Editora UNESP: Senac São Paulo, 2007.

GREGOLIN, M. R. A ordem do discurso: o dizível e o visível em Foucault. In: *I Seminário de Dissertações e Teses em andamento*. Goiânia, Goiás, Auditório da Faculdade de Letras da UFG, 2010.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. (Trad.) Tomaz Tadeu da Silva; Guaracira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2005.

HAROCHE, C. Maneiras de ser e de sentir na aceleração e a ilimitação contemporânea. *Cad. Metrop.*, São Paulo, v.13, n.26, p.359-378, Jul./dez. 2011. Disponível em:
<http://www.cadernosmetropole.net/download/cm_artigos/cm26_215.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2014.

JENKINS, H. *Cultura da convergência*. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

IANNI, O. *Teorias da globalização*. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

LASCH, C. *O mínimo eu: sobrevivência psíquica em tempos difíceis*. (Trad.) João Roberto Martins Filho. São Paulo: Brasiliense, 1986.

LIPOVETSKY, G. *Os tempos hipermodernos*. (Trad.) Mário Vilela. São Paulo: Barcarolla, 2004.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. (Trad.) Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

RALSTON, A. C. *Biografia Os gêmeos*. Disponível em:
<<http://osgemeos.com.br/index.php/biografia/>>. Acesso em: 15 mar. 2011.

WEISSBERG, J. L. Real e virtual. In: PARENTE, A. (Org.) *Imagem máquina: a era das tecnologias do virtual*. (Trad.) Rogério Luz et al. Rio de Janeiro: 34, 1993.

Recebido em: 15 de abril de 2015

Aprovado em: 17 de setembro de 2015